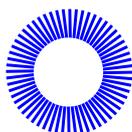


Uma exposição especializada, mas não apenas para especialistas: a nova museografia do Museo Arqueológico de La Serena

Javiera
Maino González

Profissional da área de
Exposições, Subdirección
Nacional de Museos,
Ministerio de las Culturas,
las Artes y el Patrimonio
Chile



Em abril de 2021, o Museo Arqueológico de La Serena, que pertence ao Servicio Nacional del Patrimonio Cultural de Chile, concluiu a reforma integral de seus espaços e reabriu suas portas ao público com uma nova museografia. Desenvolvido no âmbito do Plano de Melhoria Integral de Museus, foi o resultado de um longo processo que começou em 2006 e graças ao qual seu edifício histórico também foi restaurado, um novo edifício foi construído para escritórios administrativos e parte das coleções foi documentada e restaurada, entre outras ações.

O museu, localizado no norte semiárido do Chile e fundado em 1943, foi o primeiro do gênero no país e pioneiro na pesquisa, conservação e exibição do patrimônio arqueológico. A nova exposição apresenta um relato, com base nos objetos e em seu contexto, das várias maneiras pelas quais os grupos humanos habitaram esse território no passado pré-hispânico.

O projeto envolveu um grande desafio. Tratava-se de um assunto específico e pouco conhecido local ou nacionalmente, limitado a um período de tempo e território específicos, baseado em pesquisas arqueológicas ainda em andamento – muitas vezes com mais perguntas do que respostas – e com objetos, ou fragmentos desses objetos, que precisavam de narrativas para revelar seus significados. Além disso, a coleção de mais de vinte mil peças não estava totalmente documentada, o que implicou um grande trabalho de seleção, comparação e catalogação.

Queríamos respeitar o rigor da disciplina e apresentar uma exposição atualizada em termos de conteúdo e forma de abordagem, mas com a intenção de nos dirigirmos a um público não especializado, a visitantes que, talvez pela primeira vez, estariam se deparando com um conteúdo desse tipo. Queríamos romper com a ideia de que a arqueologia é apenas para especialistas, ou que o passado é algo distante e estranho. Queríamos apresentar os tópicos de uma forma inovadora, próxima e atraente para todas as idades, com espaços para participação, apelando para diferentes formas de aprendizado. Uma exposição na qual pessoas especialistas e não especialistas se sentissem confortáveis e convocadas.

Foi com esse espírito que abordamos o projeto e os seguintes princípios orientaram seu desenvolvimento:

1. Evitamos a linguagem técnica... ou a explicamos quando precisamos usá-la.

O trabalho com os textos foi um dos mais lentos e dedicados. Foram anos de pesquisa, reuniões com especialistas e a elaboração de roteiros preliminares que orientaram a proposta museográfica. Contamos com a assessoria de Andrés Troncoso, arqueólogo especializado na região. Depois veio o trabalho de edição, adaptando os textos ao espaço existente e escolhendo as palavras e os conceitos precisos para apresentar cada tema. Assim, por exemplo, evitamos nos referir a *bandos de caçadores-coletores*, preferindo falar de *famílias, pessoas ou grupos*, facilitando a compreensão e também cuidando da abordagem de gênero, ou seja, garantindo que a história não fosse contada de forma masculina.





Vitrine dedicada a novas perspectivas sobre arqueologia. Apresenta o exercício de reinterpretar o significado da cerâmica e convida as e os visitantes atuais a deixarem suas impressões também.

Quando foi inevitável usar um conceito técnico, como *lito* –, *tembetá*, fuso, tortual ou resistência mecânica, eles foram acompanhados de seu significado, descrição ou um pequeno desenho.

2. Não consideramos o conhecimento prévio como garantido.

Esse aprendizado surgiu de nossa própria experiência em abordar a arqueologia. A equipe da nossa área de Exposições era formada por profissionais de fora dessa disciplina e, durante a pesquisa, nos deparamos com tópicos ou conceitos que pareciam óbvios para os especialistas, mas não para nós: o que é megafauna? O que é o Arcaico? Por que a agricultura é tão importante? Por que são chamados de Ánimas? Se nós tínhamos essas perguntas, provavelmente os futuros visitantes também tinham. Além disso, no meio do caminho, realizamos uma avaliação formativa com a equipe educacional da Subdirección Nacional de Museos e depois com o público, o que nos permitiu identificar dúvidas ou confusões que precisavam ser esclarecidas. Assim, criamos uma exposição que busca fornecer todas as informações necessárias para sua total compreensão. No início de cada tema, incorporamos um gráfico

com referências temporais, incluímos mapas, fotos ou ilustrações para apresentar o território, descrevemos como os estilos de vida mudam com a cerâmica ou a agricultura, esclarecemos o que é a megafauna ou a extinção de uma espécie, por exemplo.

3. Fragmentos da vida cotidiana.

Uma das maneiras mais eficazes de adquirir novos conhecimentos é relacioná-los com nossa própria vida, comparando e identificando semelhanças e diferenças. Com a intenção de aproximar os modos de vida do passado, enfatizamos que eram pessoas como nós, *homo sapiens sapiens*, e que ainda vivemos nos mesmos lugares que elas habitavam, com ocupações ou tradições, assim como nós. Graças a tecnologias analíticas, metodologias e novas percepções do passado, a arqueologia conhece cada vez mais detalhes sobre a vida de nossos ancestrais. Hoje podemos descobrir o que eles comiam, se fumavam ou com o que pintavam. Isso é uma oportunidade, pois nos permite apresentar tópicos especializados, mas ao mesmo tempo próximos das pessoas. Por exemplo, o povo Molle incorporou uma série de práticas que demonstram atenção ao corpo e à identidade, como o uso de *tembetás*



"Uma imagem vale mais do que mil palavras". A organização das peças por escala cromática permite mostrar as mudanças ao longo do tempo pelas quais a arte Molle passou.



e joias ou representações do corpo humano, que não estão muito distantes de algumas modas atuais.

4. "Uma imagem vale mais que mil palavras".

E ainda mais quando se trata de palavras técnicas. Conceitos como paleoambiente, mudança climática ou deserto costeiro foram representados com dioramas, ilustrações ou cores evocativas: verde para representar paisagens mais úmidas, cores da terra para representar a aridização do ambiente. Usamos ilustrações em estilo de bosquejo: são esboços de paisagens ou figuras humanas que sugerem determinadas formas, mostrando que há detalhes que não conhecemos. Para mostrar a qualidade da cerâmica Molle, incluímos um raio X de uma de suas cerâmicas, o que nos permite observar a perfeição do círculo e a finura e uniformidade de suas paredes. Representamos as práticas funerárias, descritas como montes de sepultamento demarcados com pedras no topo das colinas, com um modelo que mostra como elas poderiam ter sido.

5. Fisicamente próximo: gestos a partir da museografia.

A intenção de aproximar a arqueologia do público foi claramente expressa na museografia. As vitrines nas quais as coleções são exibidas têm um elemento externo chamado *inforriel*, onde determinados temas, objetos ou réplicas deles são fisicamente "aproximados", com textos ou interativos. É um gesto sutil, mas que foi projetado com a intenção de conectar as pessoas à arqueologia, como uma ponte entre visitantes e objetos. A iluminação também desempenha um papel importante, com ambientes luminosos que buscam mostrar o passado como um espaço marcante e animado, distanciando-nos da ideia de um período escuro ou impenetrável.

6. Mostramos "como sabemos o que sabemos".

Uma maneira muito eficaz de atrair a atenção dos e das visitantes e, ao mesmo tempo, de fazer uma exposição especializada, é apresentar os "bastidores" do conhecimento. No caso da arqueologia, isso nos permite mostrar o rigor dos métodos de escavação, a análise detalhada e comparativa das peças, a metodologia de trabalho e os fundamentos por trás de cada interpretação





As cores das vitrines do Paleoíndio (esquerda) e do Arcaico (direita) evocam um ambiente úmido no primeiro caso e um ambiente árido no segundo. Entre as duas, no centro, uma ilustração impressa num dispositivo tipo acordeão retrata a mudança climática.

ou conclusão. Na exposição, por exemplo, explicamos como é feito o estudo do pólen, que nos permite conhecer o clima do passado, como funciona a técnica de datação por carbono 14 e como são identificados os possíveis usos dos objetos.

7. Consideramos a multidisciplinaridade.

Na busca por uma melhor compreensão do passado, a arqueologia tem incorporado tecnologias, metodologias e saberes de outras disciplinas. Isso permite que o conhecimento seja mostrado de diferentes ângulos, dando aos e às visitantes mais possibilidades de “aproximação” aos objetos e suas histórias. Por exemplo: raios X de cerâmicas ou ossos para ver elementos que não são evidentes aos olhos, comentários sobre as decorações de cerâmicas sob a perspectiva da arte contemporânea, estudos comparativos entre instrumentos musicais atuais e arqueológicos. Também incorporamos audiovisuais que mostram artesãos e artesãs fazendo peças de pedra, metal, cerâmica e osso, usando técnicas tradicionais, o que nos permite apreciar o trabalho dedicado e rigoroso por trás de cada objeto.

8. Reconhecemos o que não sabemos ou que “nada está escrito em pedra”.

O estudo do passado ainda está aberto e é analisado repetidamente à luz de novas perguntas ou tecnologias. Hoje surgem perguntas que até poucos anos atrás não pareciam relevantes: existiam papéis de gênero? O que as crianças faziam? O que comiam e como comiam? Muitas dessas perguntas ainda não foram respondidas, mas o fato de relatarmos isso permite uma abordagem mais honesta do passado e também estimula a curiosidade. Também relatamos os erros que a disciplina já cometeu em sua interpretação do passado, procurando mostrar que os estudos ainda estão abertos.

9. Envolver todos: todos nós temos algo a comentar, interpretar... ou questionar.

Esse foi um dos princípios mais relevantes que acompanhou todo o projeto. Ao mesmo tempo em que apresentamos os artefatos arqueológicos como testemunhas valiosas de modos de vida que não existem mais, queríamos “dessacralizar” suas leituras. Embora a arqueologia tenha ferramentas e metodologias que apoiam suas interpretações, não são apenas os e as



Uma vitrine para as práticas relacionadas ao corpo do povo Molle, trazendo conhecimentos específicos a partir de uma perspectiva contemporânea.

especialistas que têm algo a dizer. Essa intenção foi materializada num exercício realizado em 2018, no qual convidamos as pessoas visitantes a observar uma peça e completar a frase “Isso não é (apenas) uma cerâmica, isso é...”,¹ ou a responder à pergunta “Por que está triste?” relacionada a uma cerâmica antropomórfica. As respostas foram impressas e colocadas numa vitrine ao lado das cerâmicas, validando assim as respostas das pessoas. Para dar continuidade ao exercício, foi incorporado um recurso interativo no qual os visitantes atuais também podem responder o que acham que são as cerâmicas que estão vendo, convidando à observação e à interpretação.

Um museu especializado, mas não apenas para especialistas: inspiração para um futuro sustentável

Os museus são espaços ativos, propõem temas, buscam transmitir mensagens, valores e, com eles, incentivar a discussão, a visão crítica e também inspirar e despertar a curiosidade. As exposições são sempre políticas, não são espaços neutros, são feitas com propósitos e intenções subjacentes.

Na nova exposição no Museo Arqueológico de La Serena, tínhamos objetivos de curto prazo, como mostrar os modos de vida do passado, as ferramentas usadas e criadas, convidar a observar os objetos e, por meio deles, aos nossos ancestrais. Mas com qual finalidade? Qual era o objetivo? É nesse ponto que os conceitos de decolonização e sustentabilidade entram em cena. Uma exposição como essa – especializada, mas não apenas para especialistas – é um convite para fazer parte da história, não apenas para conhecer, mas também para interpretar e questionar o passado, incorporando e validando diversas vozes na narrativa. É um museu que busca romper com a hegemonia do discurso, tornando a arqueologia e a geração de conhecimento uma tarefa não apenas para um grupo seletivo, mas um trabalho do qual todos e todas podemos e devemos participar, gerando assim vínculos com o passado e, a partir daí, nos projetar ao futuro.

¹ Esse exercício foi inspirado no projeto Tangible Things (em Thatcher *et al.*, 2015).



Bibliografia

Thatcher, L., Gaskell, I., Schechner, S. e Carter, S. (2015). *Tangible Things. Making History through Objects*. Nova York: Oxford University Press.